



UM PARALELO ENTRE A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA E OS RITOS DE PASSAGEM EM “RESTOS DE CARNAVAL”, DE CLARICE LISPECTOR, E “AS MARGENS DA ALEGRIA”, DE GUIMARÃES ROSA

Júlia Oblasser Paladino

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Cecília Ferreira dos Santos Pinto

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: O presente artigo se propõe a analisar a representação da infância, a partir da figura da criança como protagonista, e a ocorrência de ritos de passagem nas obras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Pretende-se traçar um paralelo entre os contos “Restos de carnaval”, de Lispector, e “As margens da alegria”, de Rosa, analisando os aspectos estruturais do enredo a fim de comparar a forma como ambos os contos abordam as transformações da infância. A ingenuidade diante de um símbolo é um marco inicial de um ciclo nas duas narrativas, e, quando confrontada, gera uma modificação em toda a atmosfera dos contos e nas percepções das personagens sobre a vida. O final das narrações é marcado pelo surgimento de um novo símbolo que revive a esperança nas crianças, marcando o início de um novo ciclo. As duas narrativas se assemelham tanto nos aspectos estruturais da narração quanto nos sentimentos resultantes dos acontecimentos ao longo do enredo.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Guimarães Rosa. Infância. Ritos de passagem.

A PARALLEL BETWEEN THE REPRESENTATION OF CHILDHOOD AND THE RITES OF PASSAGE IN “RESTOS DE CARNAVAL”, OF CLARICE LISPECTOR, AND “AS MARGENS DA ALEGRIA”, OF GUIMARÃES ROSA

Abstract: The paper proposes to analyse the childhood's representation, from the child's figure as a protagonist, and the occurrence of rites of passage in Guimarães Rosa's and Clarice Lispector's work. It is intended to draw a parallel between the short stories "Restos de carnaval", by Lispector, and "As margens da alegria", by Rosa, analyzing the structural aspects of the plot in order to compare the way that both of the short stories broach the childhood's changes. The ingenuousness faced with a symbol is an initial landmark of a cycle in both of narratives, and, when confronted, causes a change in all atmosphere of the short stories and in the characters' perception about life. The ending of the narratives is marked by the emergence of a new symbol that relives the hope in the children, determining the beginning of a new cycle. The narratives resemble both in the structural aspects of the narration and in the feelings resultants from the events throughout the plot.

Keywords: Clarice Lispector. Guimarães Rosa. Childhood. Rites of passage.

A infância nas obras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector

Acompanhando o projeto de arte pós-utópica e as inovações ideológicas dos romancistas da década de 30, como defendido por Bueno (2004), Guimarães Rosa e Clarice Lispector incorporam às suas obras a perspectiva da "figura do fracassado", do ser marginalizado, figurando-se em uma vertente que colaborou "grandemente para que se ampliassem as possibilidades tanto temáticas quanto da constituição de um novo tipo de protagonista para o romance brasileiro" (BUENO, 2001, p. 254). O presente artigo propõe-se a explorar tal noção partindo da figura da criança como protagonista, investigando a representação da infância e os ritos de passagem nos contos de Rosa e Lispector.

Considerando que "a estória, não podendo ser efetivamente narrada pela criança, pede a criação desse entremeio, lugar mesmo de reversibilidade entre narrador e personagem, onde as diferenças tendem a se apagar" (NOGUEIRA, 2004), nota-se, em Rosa, uma breve presença do discurso direto da personagem infantil. Apoderando-se do discurso indireto livre, o narrador tem sua voz mesclada à voz e aos pensamentos da criança, de forma que contribui para a construção de uma linguagem e de uma atmosfera infantil, possibilitando ao leitor adentrar no *pensamentozinho* do protagonista. A respeito de *Miguilim*, Rónai (2002 apud NOGUEIRA, 2004) declara que

a maior vitória do romancista consiste em ter conseguido reconstituir o mundo íntimo de Miguilim sem inquiná-lo de noções e representações alheias à sua idade e ao seu meio, fazendo-nos sentir o ingênuo frescor de suas descobertas e os espantos que acompanhavam a sua penetração progressiva no universo turvo dos adultos.

Em Lispector, a infância é concebida de forma adultizada, aspecto que se mostra por meio das personalidades, desejos, percepções e do autoconhecimento das personagens, atípicos de um senso comum atribuído ao universo infantil. O contato com as personagens infantis dos contos permite “desmistificar a infância como o tempo da pureza, ao contrário, as narradoras-mulheres/meninas de Clarice Lispector vivem situações em que amor, maldade, e erotismo tornam a infância complexa e paradoxal”. (TROCOLI, 2014, p. 400).

Estabelecendo um paralelo entre a representação da infância nos dois autores, nota-se uma disparidade entre as abordagens atribuídas por cada um. Em Rosa, há uma presença constante do universo infantil infantilizado, no qual os comportamentos das personagens se apresentam de forma ingênua, sem malícia, e a linguagem “se adensa numa expressão delicadamente infantil” (NOGUEIRA, 2004). Já os contos de Lispector aludem a um universo infantil adultizado, em que o indivíduo se vê obrigado ao amadurecimento, e “as experiências violentas, o contato precoce com o trabalho e outras vicissitudes do mundo adulto fazem dele um adulto precoce em alguns momentos” (ALMEIDA; BORGES, 2016).

Apesar das abordagens sobre a figura da criança serem díspares, há uma convergência na apresentação do tema da iniciação nas obras de ambos os autores. Quando Rosa e Lispector se propõem a trabalhar com personagens infantis, surgem, como plano de fundo, os desdobramentos da vida, como as primeiras descobertas que rumam para um futuro adulto. A partir desses acontecimentos, são apresentados nos enredos os ritos de passagem das personagens, muitas vezes motivados por acontecimentos bruscos e cotidianos, que geram “sofrimento, descoberta e separação” (ALMEIDA; BORGES, 2016).

Ponderando que “uma das principais diferenças entre um adulto e uma criança é que o adulto conhece certas facetas da vida – seus mistérios, suas contradições, sua violência, suas tragédias – cujo conhecimento não é considerado apropriado para as crianças” (POSTMAN, 1999 apud ALMEIDA; BORGES, 2016), os ritos de passagem nos contos de Rosa e Lispector representam, de forma emblemática, um rompimento na linearidade da infância, gerando uma marca de metamorfose da infância para a maturidade.

Mobilizando os aspectos citados acima, pretende-se, na próxima seção, introduzir uma comparação entre os contos “Restos de carnaval”, de Clarice Lispector, e “As margens da alegria”, de Guimarães Rosa, a fim de estabelecer um paralelismo estrutural entre aspectos do enredo, seguindo um caminho que aproxima as narrativas pela temática da iniciação.

Análise comparativa dos contos

Os contos “Restos de carnaval”, de Clarice Lispector, e “As margens da alegria”, de Guimarães Rosa, assemelham-se por um ciclo existente na estrutura do enredo. Basicamente, em ambos os contos, o início do ciclo se dá pelo deslumbramento com o objeto de admiração, que, em seguida, torna-se motivo de desesperança, sendo o princípio do rito de passagem, cerne desta análise. Por fim, surge, em ambas as situações, outro símbolo carregado de admiração que reacende a esperança, encerrando o primeiro ciclo e dando início a um novo.

Em “As margens da alegria”, a história se inicia com uma viagem feita em família para uma cidade em construção, Brasília. O Menino, personagem principal do conto, fica maravilhado com tudo o que vê, desde o embarque no avião até a chegada ao sítio em que irão se hospedar. No entanto, surge um elemento de maior peso simbólico, um peru, que se mostra de forma deslumbrante e chamativa, abrindo a cauda e mostrando suas cores. Tal elemento gera no Menino uma grande admiração, embora ele não tenha tido muito tempo para admirá-lo.

A partir do momento em que o Menino descobre que o peru havia sido morto para aniversário do “doutor”, é instaurada no conto uma atmosfera de desilusão que mostra, por meio do olhar da criança, um ambiente degradado e poluído. Logo em seguida, ele vê, saindo da mata, outro peru, mas já não era como da primeira vez. Sua descrição indica que esse não era tão vistoso e bonito. O garoto se sente desolado em meio à escuridão, uma vez que esse momento da narrativa se passa no período da noite, porém é dela que surge o símbolo da esperança que reacende a “Alegria” da personagem, representado pela luz verde do vagalume.

Já “Restos do carnaval” retrata uma memória de infância de uma personagem feminina, que relembra a comemoração dos carnavais anteriores, em especial o primeiro em que participou fantasiada. Por ter uma mãe doente, a garota nunca havia participado da festa e, um dia, ao visitar a casa de uma amiga, recebe de presente uma fantasia de rosa feita de restos, o que representou um grande marco. No dia da efetiva comemoração, no entanto, a mãe, que já era doente, tem uma piora no estado, o que faz com que a garota tenha que sair de casa mesmo sem se sentir pronta. Contudo, ao retornar para a festa de carnaval, a menina não tem mais o mesmo prazer e ânimo de antes com relação à celebração, sentindo-se frustrada pelo acontecimento. Apesar disso, a esperança é reavivada com o aparecimento de um garoto “mais velho” que estoura confete nos cabelos lisos e ingênuos da criança, o que a faz se sentir uma “mulherzinha” e reacende a chama da “rosa”.

A narração do conto é apresentada como relato memorialístico, o que confere um olhar adulto diante de um acontecimento passado, possibilitando a interpretação de que a história narrada é influenciada pelas experiências adquiridas pela narradora no decorrer do tempo. A respeito disso, Moisés (2006) diz que “o passado só aparece quando ‘se torna parte do presente’, mas ‘o acontecimento passado, no momento de sua ocorrência, não é o mesmo que aquele recordado mais tarde. Alguma coisa mudou - a personagem; e a coisa lembrada é, portanto, diferente’”.

A questão da iniciação fica evidente em ambos os contos, demonstrando que em “como todas as etapas da vida ela [a infância] estava, e está, repleta de dor e perplexidade” (POSTMAN, 1999, p. 81). Apesar de toda a dor, a ingenuidade, comumente conhecida como uma característica infantil, perpassa todo o ciclo em ambos os contos. Em um primeiro momento, isso se dá com a perplexidade das crianças diante do símbolo de afeição.

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara. (...) Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruzlou outro gluglo. O menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para o passeio (ROSA, 2008, p. 9).

O menino fica estupefato com o comportamento e a aparência do peru, animal não apreciado pelos adultos presentes. Um notável símbolo da inocência presente no trecho acima é a gargalhada dada pelo garoto diante do “gluglo” do peru. Constatase que as expressões que remetem ao animal demonstram grandeza, como “tanger trombeta”, “satisfazia os olhos”, “imperial”, “admiração”, “colérico” e “encachiado”. No conto de Clarice, o deslumbramento surge pela fantasia de rosa, feita com restos de papel crepom pela mãe de uma amiga, gerando um paralelo com a estrutura do conto de Rosa.

Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso, comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Assim como no conto “As margens da alegria”, o deslumbramento aqui ocorre por um símbolo simples em composição, que não seria louvado por um adulto. É enunciado pela voz da narradora, rememorando o fato ocorrido na infância, que a fantasia não se assemelha a uma rosa, mas isso não impede seu fascínio inocente. Verifica-se, em ambas as narrativas, que “as crianças veem o mundo com olhos sensíveis, por isso enxergam o invisível, o que nada mais é do que o demasiadamente visto, o não observado, o desprezível e o desprezado” (CHISTÉ, 2015, p. 101).

Logo após o deslumbramento, em ambos os contos, é retratada uma mistura de êxtase e ansiedade em relação aos símbolos. Em Rosa, o menino “estava nos ares”, e pensava no peru “só um pouco para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança” (ROSA, 2008, p. 10). Já em Lispector, o encantamento se dá pelos preparativos que antecederam o uso da fantasia, que deixavam a personagem “tonta de felicidade”, na expectativa de “ser outra que não ela mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Dando continuidade ao curso dos fatos, as personagens dos contos sofrem uma intensa frustração, que desencadeia a desilusão. Os acontecimentos narrados podem ser analisados como um rito de passagem, em que ambas as crianças descobrem a dor de uma primeira grande perda. Os ritos são perpassados pela sombra da morte, fato inevitável que não é bem aceito ou compreendido mesmo pelos adultos. Espera-se uma maturidade de adulto, principalmente em Lispector, em que os fatos desencadeiam sucessivas atitudes que exemplificam “retratos de ritos de passagem, de sequências de aventuras vivenciadas pelos protagonistas que os põem em confronto com os dilemas próprios do estado misto de ser e de vir-a-ser em que se encontram” (GARCÍA, 2012, p. 51-52).

Em Rosa, o rito é iniciado no seguinte momento:

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E — onde? Só umas penas, restos, no chão. — “Uê se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?” Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru-seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte (ROSA, 2008, p. 10)

De maneira brusca e estarrecedora, o menino se vê diante da grande frustração, sem aviso prévio. A quebra da inocência é recorrente no trecho citado acima, representada pela morte do objeto de admiração. “Como podiam? Por que tão de repente?” são os questionamentos feitos pelo menino ao saber da morte do peru, frases simbólicas que denotam

a brevidade da vida e o arrependimento de ter vislumbrado aquela figura por tão pouco tempo. Em *Lispector*, a narradora lamenta “por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico?”, dando indícios da sucessão dos fatos posteriores. No meio dos preparativos para o carnaval, a mãe, que já era doente, piora, e a filha, ainda uma criança, se vê obrigada a agir de uma maneira muito adulta, tomando um papel central diante da doença da mãe. Isso repercute diretamente na desilusão da garota, que, mesmo fantasiada, deixa de lado o encantamento inicial.

A respeito da desilusão das personagens, Castro (2005 apud ALMEIDA; BORGES, 2016) ressalta que

submetidos a uma realidade de sentimentos cristalizados, condicionados a um cenário em que coabitam valores antagônicos – bem e mal, amor e ódio, prazer e medo –, os protagonistas das histórias viajam, deslocando-se no espaço e no tempo, deliberadamente ou por força do destino, buscando, desse modo, atribuir um novo significado à própria existência.

Os momentos de “lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio” (SÁ, 1979, p. 131) foram propulsores para a mudança de atmosfera de ambos os contos. Em *Rosa*, após constatar que o peru estava morto, o menino volta para o local onde a cidade estava sendo construída e há uma descrição de um cenário de destruição e catástrofe. O campo lexical mobilizado pelo autor passa de uma descrição de “incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor” para uma atmosfera de “circuntristeza: o horizonte [...] um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira”. As descrições do *Menino* também se transformam, ele é descrito como cabisbaixo, fadigado, e com “impedida emoção”, aludindo a um cansaço e uma tristeza não apresentados no início do conto.

Em *Clarice*, a narradora descreve um cenário caótico, em que ela sai “correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval”, situação que antes lhe era atrativa e passou a lhe causar pavor. Em meio ao caos, a menina revela que “como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma *rosa*, era de novo uma simples menina” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Outro paralelo estabelecido entre os dois contos é o sentimento das duas crianças após o caos citado acima. Ao mesmo tempo em que a garota demonstra total desencanto pelo mundo, pela vida, como se algo tivesse morrido nela, o garoto demonstra remorso e confusão de sentimentos com relação ao acontecido. Em ambos os casos, há a morte simbólica da infância,

rompendo com o sentimento de eternidade tão ingenuamente visado pelas crianças. Nesse momento, as personagens percebem a efemeridade da vida e as frustrações do mundo adulto. Em “As margens da alegria”, tal contraste se dá no momento em que o “peru para sempre” some, e então “tudo perdía a eternidade e a certeza” (ROSA, 2008, p. 10). Já em “Restos de carnaval”, há um sentimento de perfeição em relação ao acontecimento daquele carnaval, que se rompe com os acontecimentos indesejados, gerando um tipo de ritual de iniciação.

Partindo do entendimento da infância como o período do início do desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, pode-se vincular a narrativa dos contos, que privilegia o olhar da criança a uma espécie de ritual de iniciação, ou seja, um indício da passagem da infância para a vida adulta (DANESE, 2014, p. 2).

Por fim, os símbolos reaparecem sendo ressignificados. O primeiro peru, que já não estava mais presente, é substituído por um novo que “Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito”, consolando um pouco o garoto. Já a fantasia da garota deixa de surtir o efeito mascarado de ser outra que não ela mesma, para voltar a ser a simples menina, um “palhaço pensativo de lábios encarnados”. A presença do remorso, que paira sobre a atmosfera de morte, impede por um momento que o ciclo dê um novo início. No entanto, acontecimentos inesperados se tornam motivo para reacender a esperança perdida.

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Nesse momento, a perda da ingenuidade é consumada, o que se nota por meio da atração física que a garota sente pelo rapaz mais velho, que a cobre de confete com “sensualidade” e a encara sorrindo, sem falar, remetendo a um flerte. É, também, o primeiro momento em que a garota de apenas 8 anos se desvenda como uma “mulherzinha”, o que é ressaltado pela narração em primeira pessoa, e aquilo que havia morrido dentro dela revive, e ela se sente uma verdadeira rosa.

O Menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo. Trevava. Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a Alegria (ROSA, 2008, p. 12).

No trecho acima, a esperança do menino renasce, porém de modo mais ingênuo do que no conto de Clarice, o que está diretamente relacionado com o fato de ser um relato do momento em que as coisas ocorrem e não de uma lembrança. A inocência é mantida e os sentimentos do menino quanto ao novo símbolo são ingênuos e de pura admiração, assim como na aparição do primeiro peru. Um aspecto a ser ressaltado no trecho é o novo símbolo ser um vagalume. Um ponto de luz no meio das trevas, que aparece repentinamente, é responsável por reacender a chama da esperança dentro do coração da criança e traz à tona a Alegria.

Considerações finais

Considera-se que tanto em Guimarães Rosa quanto em Clarice Lispector há um paralelismo estrutural, como no ciclo gerado pelo deslumbramento, a decepção e o renascimento, e em vários aspectos de enredo, como o fato de serem crianças que são obrigadas a amadurecer de forma brusca e a enxergar um acontecimento da vida de forma adulta. Os ritos, mesmo que de forma diferente, se repetem gerando a mesma imagem de infância corrompida assim como o renascer da esperança.

Referências

- ALMEIDA, T. W. F.; BORGES, T. Infância e ritos de passagem em “Campo geral” de Guimarães Rosa. **Caletroscópio**. v. 4, n. 07, 2016.
- BUENO, L. Guimarães, Clarice e antes. **Teresa**, (2), 249-261, 2001.
- BUENO, L. NAÇÃO, **Nações**: Os Modernistas E A Geração de 30. *Via Atlântica*, (7), 83-97, 2004.
- CHISTÉ, B. S. **Infância, Imagens e Vertigens**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- DANESE, V.M.V; SIQUEIRA, J.S. Infância e Espaço em Primeiras estórias (1962), de João Guimarães Rosa. In: **Gláuks Online**. v.14, n.02, p.178-198, 2014.
- GARCÍA, A. M. A narrativa de processos de formação e os ritos de passagem na literatura infantil e juvenil brasileira: o exemplo de O homem do violão quebrado. In: **Leitura: Teoria & Prática**, n.59, p. 49-54, 2012.
- LISPECTOR, C. Restos do Carnaval. In: LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉS, M. **A criação literária**: prosa 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

NOGUEIRA, E. S. A miopia de Miguilim. Disponível em <http://www.criticaecompanhia.com.br/erich.htm?fbclid=IwAR2LaDhZ2gskIPt39OMcmgeN0sxa_IOB2P2ZngR4v51aAT_wmOppWJKkmF8#um> Acesso em 26 maio 2019.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSA, J. G. As margens da alegria. In: ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

SÁ, O. O conceito e o procedimento da epifania. In: SÁ, O. **A Escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979.

TROCOLI, Flavia. Notas breves sobre a infância nos contos de Clarice Lispector. **Educativa**. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 385-408, 2014.

RECEBIDO EM: 27/05/2019 | APROVADO EM: 09/09/2019